

CAROLINA E AURÉLIA CAMARGO - REPRESENTAÇÕES FEMININAS DA SOCIEDADE BURGUESA DO SÉC. XIX

Ingrid Maria Lima de Mendonça ; Cássia Marquiane da Silva Rodrigues; Marta Helena Facco
Piovesan

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE ENSINOS SUPERIORES DE BALSAS - CESBA

E-mail: ingryd.mari@gmail.com; cassiamarquiane16@hotmail.com; martahpiovesan@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por objetivo analisar as obras *Senhora* de José de Alencar e *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo; destacar os perfis das heroínas Aurélia Camargo e D. Carolina em seu contexto histórico, ou seja, a sociedade burguesa. Para isso buscou-se embasamento teórico em Samira Campedelli, Jésus Souza, Ernani e Nicola, bem como as obras citadas anteriormente. Tendo cunho qualitativo e bibliográfico.

As obras foram analisadas individualmente e comparadas em seguida. As duas obras compõem o Romantismo, uma expressão artística burguesa, que foi diretamente influenciada pelas transformações político-econômicas, como a Revolução Francesa que desencadeou o Romantismo e a Revolução Industrial que proporcionou a ascensão econômica burguesa, ocorridas no meio social do séc. XIX.

Devido ao avanço da classe média, fez-se necessário uma literatura menos rebuscada e erudita, uma literatura simples de fácil compreensão, voltada para a vida da sociedade vigente, ouve um distanciamento da literatura clássica, da Grécia, produzindo uma literatura genuinamente nacional.

No Brasil o Romantismo foi difundido por meio de folhetins, destacando-se os autores Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar.

Faz-se fundamental o conhecimento destas obras, pois *A Moreninha* foi oficialmente a primeira obra do Romantismo do Brasil, possuindo também caráter histórico e *Senhora*, pois contém características de uma sociedade em transição, possibilitando uma observação de aspectos de um pré-realismo, bem como a realidade por trás da sociedade.

DISCUSSÃO

José de Alencar foi um dos grandes nomes do Romantismo no Brasil, o mesmo tinha por objetivo produzir uma literatura genuinamente brasileira, sem influência de Portugal, buscando retratar a sociedade brasileira desde a chegada dos portugueses até a formação da sociedade burguesa. Suas obras dividem-se em Romances históricos, indianistas, regionalistas e urbanos, tendo escrito também poesia e teatro. A obra *Senhora*, um dos romances urbanos do escritor, visa abordar os aspectos negativos da sociedade burguesa fluminense do séc. XIX.

O romance conta a história de Aurélia Camargo, uma moça pobre que vive no Rio de Janeiro. Aurélia então conhece Fernando Seixas por quem se apaixonara, porém Fernando a enjeita por uma mulher de posses. Aurélia recebe uma herança de forma inusitada, podendo assim recuperar Fernando. A mesma pede a Lemos, tio e tutor legal de Aurélia, para propor a Seixas casamento com uma moça, em troca de um grande dote, não podendo conhecer ainda de quem se trata a pretendente. Ao descobrir que sua noiva é Aurélia, Fernando fica feliz, pensando em como a sorte lhe sorriu. Entretanto, na noite de núpcias Aurélia esclarece a situação e o chama de vendido.

- Representamos uma comédia, na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter esse orgulho, que os melhores atores não nos excederiam. Mas é tempo de pôr termo a esta cruel mistificação, com que nos estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu, uma mulher traída; o senhor, um homem vendido. (ALENCAR, 1986, p.41)

Os mesmos passam a viver uma vida de aparências perante a sociedade. Seixas trabalha até conseguir devolver a quantia que recebeu no dote e assim pedir o divórcio, Aurélia então declara o seu amor e mostra-lhe o testamento que o torna herdeiro universal da mesma. Ambos vivem felizes.

A obra divide-se em quatro partes intituladas: *Preço*, *Quitação*, *Posse* e *Resgate*. Fazendo desta maneira uma crítica direta a transação comercial que se tornou o casamento.

Vamos reconstituir a 1ª parte, “**Preço**”. Nesta parte, a jovem Aurélia confabula com o seu tio e tutor Lemos: discute o casamento da jovem Adelaide Amaral com o Dr. Torquato Ribeiro. Essa discussão tem uma finalidade: a jovem Adelaide e Aurélia disputavam o amor de Seixas. Casando-a com o Dr. Torquato Ribeiro, Seixas ficaria livre. O único empecilho para a não-realização da união Adelaide-Torquato era a pobreza deste, coisa que Aurélia resolveria oferecendo um dote ao moço. (CAMPEDELLI; SOUZA, 2001).

A exaltação da mulher é muito presente na obra.

E o mundo é assim feito; que foi o fulgor satânico da beleza dessa mulher a sua maior sedução. Na acerba veemência da alma revolta, pressentiam-se abismos de paixão; e entrevia-se que procelas de volúpia havia de ter o amor da virgem bacante. (ALENCAR, 1986, p.3)

Outro exemplo:

Atravessou a sala com o brando arfar que tem o cisne no lago sereno, e que era o passo das deusas. No meio ondulações da seda parecia não ser ela quem avançava; mas os outros que vinham ao seu encontro, e o espaço que ia-se dobrando humilde a seus pés, para evitar-lhe a fadiga de o percorrer. (ALENCAR, 1986, p. 31)

Senhora tem por principais características o individualismo, o sentimentalismo, a desigualdade econômica e as intrigas amorosas, todavia o amor sempre vence, o amor age como instrumento de redenção.

Joaquim Manoel de Macedo foi um dos precursores do Romantismo no Brasil, sua obra *A Moreninha* tem por objetivo apresentar os costumes da sociedade carioca, a qual o mesmo estava inserido, ao descrever o ambiente, as tradições, festas, como os saraus e bailes, lendas nacionais, como a história da jovem tamoia, em que seu choro devido a indiferença de seu amado, deu origem a uma fonte. Por registrar a realidade social de sua época suas obras possuem valor documental.

A Moreninha fala sobre quatro estudantes de medicina que fizeram uma aposta, que é descrita por Macedo (2001) como: “No dia 20 de julho de 18... na sala parlamentar da casa nº... da rua de... sendo testemunhas os seguintes estudantes Fabrício e Leopoldo, acordaram Filipe e Augusto, também estudantes, que, se até o dia 20 de agosto do corrente ano, o segundo acordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias ou mais, será obrigado a escrever um romance em que tal conhecimento confesse; e, no caso contrário, igual pena sofrerá o primeiro acordante. Sala parlamentar, 20 de julho de 18... Salva a redação”. Ao chegar à ilha Augusto sente-se envolvido por D. Carolina e aos poucos apaixona-se pela mesma. O único empecilho para a realização desse amor foi uma promessa feita no passado por Augusto a uma menina que conhecera em sua infância, tempo depois é dado fim ao mistério, a menina é a própria Moreninha. Podendo enfim realizar o seu amor.

A obra tem por características o sentimentalismo, o amor puro, que apesar do tempo vence no final, a religiosidade (dia de S’Ana), o amor acima de tudo, o ambiente que constitui o cenário ideal de amor.

A Moreninha se mostrava, na verdade, encantadora no mole descuido de seu dormir, e à mercê de um doce resfolegar, os desejos se agitavam entre seus seios; seu pezinho bem à mostra, suas tranças dobradas no colo, seus lábios entreabertos e como por costume amoldados àquele sorrir cheio de malícia e de encanto que já lhe conhecemos e, finalmente, suas pálpebras cerradas e coroadas por bastos e negros supercílios, a tornavam mais feiticeira que nunca. (MACEDO, 2001, p. 141)

Havendo também exaltação da mulher, como apresentada no trecho a cima.

Macedo descreve Carolina como uma jovem em seus quinze anos, a mesma é uma menina travessa, alegre, sagaz, romântica sem grandes preocupações, alheia a sociedade a sua volta.

A protagonista feminina de *A Moreninha* nada mais é do que uma personagem – tipo que representa todas as moças burguesas que assumiam um papel “romântico” a fim de conquistar um dos rapazes para ser seu marido. Macedo a constrói de maneira que fique distante dos problemas da sociedade e da hipocrisia que a rodeava. (BOSCOLLO, 2008)

Aurélia é descrita por Alencar como uma jovem reservada, formosa, rica, calculista, posicionando-se contra a hipócrita sociedade burguesa movida pela ganância.

As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza que lhe servia de trono, e sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia como rainha desdenhosa a vassalagem que lhe rendiam. (ALENCAR, 1986, p. 3)

A riqueza não afetou sua personalidade ou forma de pensar.

Não era um triunfo que ela julgasse digno de si, a torpe humilhação dessa gente ante a sua riqueza. Era um desafio, que lançava ao mundo; orgulhosa de esmagá-lo sob a planta, como um réptil venenoso. (ALENCAR, 1986, p. 2 e 3)

Ambas as obras retratam um estereótipo Europeu da mulher burguesa do séc. XIX, ou seja, a forma de se vestir, como deveriam portar-se perante a sociedade, os atributos femininos como: bordar, estudar música (tocar piano), ser uma boa dona de casa, boa mãe, a submissão ao marido e um bom dote.

Carolina ainda que travessa, em meio à sociedade burguesa, demonstra possuir tais atributos, tendo como exemplo o seu formidável comportamento no sarau.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa. (MACEDO, 2001, p.136)

Aurélia também possui os mesmos atributos, sempre se destacando por sua beleza formosura e luxo:

Sua entrada foi como sempre um deslumbramento; todos os olhos voltaram-se para ela; pela numerosa e brilhante sociedade ali reunida passou o frêmito das fortes sensações. Parecia que o baile se ajoelhava para recebê-la com o fervor da adoração. (ALENCAR, 1986, p.28)

Sendo acrescido a sua perfeita instrução e interesse acerca de negócios:

Era realmente para causar pasmo aos estranhos e susto a um tutor, a perspicácia com que essa moça de dezoito anos apreciava as questões mais complicadas; o perfeito conhecimento que mostrava dos negócios, e a facilidade com que fazia, muitas vezes de memória, qualquer operação aritmética por muito difícil e intrincada que fosse. (ALENCAR, 1986, p.9)

A idealização da mulher é presente nas duas obras.

CONCLUSÃO

A partir da leitura e análise das obras *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo e *Senhora* de José de Alencar, percebe-se que tanto Carolina quanto Aurélia são personagens fortes, que mesmo com diferentes personalidades, atuam de forma a concretizar seu objetivo de conquistar o ser amado. Refletindo características psicológicas e físicas da heroína romântica e a mulher burguesa do séc. XIX.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Senhora**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1986.
- BOSCOLLO, Claudia Besser. **A Moreninha e Senhora: dois perfis de mulheres na literatura romântica**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/ClaudiaBesserBoscollo.pdf>. Acesso em: 03/07/2018.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef; SOUZA, Jésus Barbosa. **Português** Literatura produção de textos e gramática. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001. p. 134-143.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Atual, 1995. p. 98-107.
- GOMES, Cristiana. **Revolução Industrial**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/revolucao-industrial/>>. Acesso em: 04/07/2018.
- LEIRO, Lúcia. **A moral da mulher burguesa**. Disponível em: <<https://generoelinguagem.wordpress.com/a-moral-burguesa-e-a-mulher/>>. Acesso em: 04/07/2018.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **A Moreninha**. Porto Alegre: L&PM, 2001. **Brasileira**. São Paulo: Atual, 1995. p. 98-107.
- TERRA, Ernani; NICOLA, José. **Curso prático de Língua, Literatura & Redação**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1999. p. 166-173.
- TODA A MATERIA. **Revolução Francesa (1789)**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/revolucao-francesa/>>. Acesso em: 04/07/2018.